



PAULO PIMENTA

CORONAVÍRUS

Covid-19: estudo analisou “receita” para salvar um país do bloqueio

Estudo divulgado na *PLOS Medicine*, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, apresenta um modelo que demonstra o impacto que diferentes medidas podem ter na evolução da epidemia.

Andrea Cunha Freitas

27 de Julho de 2020, 7:27

Já não é surpresa que lavar as mãos, usar a máscara e a prática de distanciamento social são medidas eficazes de prevenção de covid-19, mas um estudo divulgado na revista *PLOS Medicine* mostra como a combinação destas medidas auto-impostas e de um distanciamento imposto por um governo de um país pode ajudar a atenuar e atrasar a epidemia. A adopção atempada e por uma grande parte da população desta simples receita de protecção pode fazer toda a diferença e evitar mesmo um segundo pico e um novo *lockdown* em Portugal, refere Ganna Rozhnova, cientista da Universidade de Lisboa que participou no trabalho.

“Analisámos o efeito das medidas de prevenção auto-impostas (por exemplo, distanciamento social auto-imposto, uso de máscaras e lavagem das mãos) e

distanciamento social imposto por um governo separadamente, e também da estratégia combinada”, explica ao PÚBLICO Ganna Rozhnova, professora na Universidade de Utrecht, na Holanda, investigadora no Instituto de Biosistemas e Ciência Integrativas (Bioisi) da Faculdade de Ciências Universidade de Lisboa e uma das autoras do trabalho que foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

O modelo apresentado demonstra que diferentes medidas de prevenção auto-impostas podem potencialmente ter o mesmo impacto na epidemia. “Todas essas medidas [lavar as mãos, uso de máscara e distância social] podem potencialmente impedir um grande surto se a eficácia for suficientemente alta (superior a 50%). Além disso, o efeito de medidas de prevenção auto-impostas é cumulativo. Isso significa que, preferencialmente, essas medidas devem ser adoptadas em conjunto”, afirma Ganna Rozhnova. Assim, diz, se um número suficiente de pessoas adoptar esta combinação de medidas assegurando a sua eficácia, as probabilidades de sucesso aumentam, “os bloqueios poderão ser evitados e menos pessoas vão ser afectadas pela covid-19”.

O modelo dos cientistas oferece aquela que pode ser uma importante ferramenta para a gestão da epidemia pelas autoridades de saúde. “Em termos práticos, significa que a SARS-CoV-2 não causará um grande surto num país onde 90% da população adopte lavagem das mãos e distanciamento social que são 25% eficazes (isto é, reduzem a susceptibilidade e a taxa de contacto em 25%)”, notam os investigadores.

No entanto, os autores admitem algumas limitações do trabalho – que não considerou, por exemplo, heterogeneidade nos padrões de contacto ou falhas de isolamento de indivíduos infectados – e, por isso, sugerem que os resultados devem ser lidos apenas numa perspectiva qualitativa e não quantitativa. Ganna Rozhnova explica porquê: “As conclusões devem ser consideradas como qualitativas porque não foram desenvolvidas para nenhum país ou cenário específico. No entanto, as descobertas são relevantes para qualquer país ocidental. A diferença estará no limiar exacto da eficácia das medidas de prevenção auto-impostas para evitar a epidemia”.



EPA/KOEN VAN WEEL



Para os países que – como Portugal – já recorreram a um bloqueio para achatar a curva, os autores recomendam que seja intensificada a promoção de medidas auto-impostas. É isso que Portugal deve fazer para evitar um segundo pico? “Sim, definitivamente acho que sim. É importante manter a sensibilização para a covid-19, pois pode ajudar a aumentar a adesão às medidas de protecção e, como consequência, minimizar o tamanho total e o tamanho de um novo pico da epidemia.” E conclui: “Se quase toda a população adoptasse medidas auto-impostas, não teríamos que enfrentar a possibilidade de bloqueios secundários, bem como a possibilidade de encontrarmos nossos sistemas médicos sobrecarregados durante os picos das epidemias. No geral, parece ser uma solução relativamente barata que não perturbaria tanto o tecido económico e social quanto um bloqueio.”

O objectivo deste estudo foi comparar a eficácia isolada e combinada de medidas de prevenção auto-impostas e de distanciamento social determinado pelos governos locais para analisar de que forma permitem “atenuar, atrasar ou impedir uma epidemia de covid-19”. “Desenvolvemos um modelo determinista de transmissão de SARS-CoV-2 numa população estratificada por *status* da doença (susceptível, exposto, infectado com doença leve ou grave, diagnosticado e recuperado) e *status* sobre a informação sobre a doença (informado e não informado) e disseminação da covid-19”, especifica a equipa liderada por investigadores da Universidade de Utrecht.

Assim, os cientistas apresentam vários cenários com diferentes combinações que têm diferentes resultados. Um modelo que serve de base para os cálculos prevê 46 diagnósticos por 1000 indivíduos no auge da epidemia e um período de cerca de 5,2 meses até ao pico da epidemia, entre outros parâmetros. Vejamos então o que esperam que aconteça com, por exemplo, uma modesta eficácia do simples gesto de lavagem das mãos (ou seja, 30% de eficácia): o impacto na epidemia pode ser significativo traduzindo-se numa redução de 65% no número máximo de diagnósticos e um atraso no tempo para o pico de 2,7 meses. “Estimamos que o distanciamento social de curto prazo imposto pelo governo, iniciado precocemente na epidemia, pode ganhar tempo (no máximo sete meses para uma intervenção de três meses) permitindo que os sistemas de saúde se preparem para uma sobrecarga da covid-19”, lê-se ainda no estudo.

Os autores alegam que este é o primeiro trabalho a fornecer uma análise comparativa de um conjunto de medidas auto-impostas, distanciamento social imposto pelo governo e suas combinações como estratégias para mitigar e retardar uma epidemia de covid-19. Outros estudos realizados até agora, argumentam, analisaram o efeito de diferentes formas de distanciamento social, mas não incluíam medidas auto-impostas, como lavar as mãos e usar máscaras.

“Nas nossas análises, exploramos a faixa de eficácia completa para todas as medidas de prevenção auto-impostas e diferentes durações e limites para o início da intervenção do governo. Os nossos resultados permitem tirar conclusões sobre qual combinação de medidas de prevenção que pode ser mais eficaz para diminuir e adiar o pico da epidemia quando são tidos em consideração valores realistas para a eficácia da medida.” O estudo deixa ainda muito claro que a sensibilização da população para a adopção destas medidas de prevenção é crucial para o sucesso de qualquer estratégia de mitigação da epidemia.



Os autores notam igualmente que o sucesso desta combinação de medidas depende de uma eficácia igual ou superior a 50%. Isto quer dizer que não basta, por exemplo, usar uma máscara, mas importa que tipo de máscara e se é usada de forma correcta, independentemente da quantidade de pessoas que adoptem esta medida. “A cobertura ou adesão de uma medida auto-imposta na população é uma coisa, e a eficácia de uma medida de prevenção é outra. Por exemplo, o uso incorrecto da máscara diminui a sua eficácia. Da mesma forma, lavar as pontas dos dedos não é tão eficaz quanto lavar as mãos com sabão, de acordo com as recomendações da OMS”, esclarece Ganna Rozhnova.

No entanto, a investigadora insiste que o estudo demonstra também o “efeito aditivo” destas medidas que faz com que, mesmo que cada uma destas medidas tenha uma eficácia modesta, “uma combinação de duas ou três delas por uma grande parte da população pode ser suficiente para reduzir significativamente o tamanho da epidemia ou ajude a evitar completamente uma grande epidemia (incluindo uma segunda onda)”.

satierfca@ocilbup.tp